

O que trans-cende? os contornos do sujeito em torno do objeto "a"

Fernando Roberto Ruthes

Associação Psicanalítica de Curitiba

Resumo

O que transcende ao sujeito frente ao objeto *a* é uma das indagações que o presente texto se propõe a fazer. Tomando inicialmente o conceito de transcender é realizada a interlocução da transcendência e o corpo do sujeito sobe a ótica dos três registros Real, Simbólico, Imaginário e sua relação com o objeto *a*, representante da falta no sujeito, causa de desejo. O sujeito utiliza seu corpo como forma de tamponar a falta, o resto, para isso realiza procedimentos buscando no mundo objetos substitutos. Debateremos no texto o sujeito trans, sua relação com o objeto *a*, colocando uma questão a respeito do que o sujeito trans desvela.

O que transcende no sujeito? Esse questionamento foi o que instigou o autor ocasionando a escrita do presente texto. Para debater tal questão iniciaremos explorando a concepção da palavra transcender, que está referenciado ao conceito de ultrapassagem, elevar, ir além dos limites. Compreendendo o conceito de transcender e relacionando ao sujeito nos possibilita algumas articulações a respeito da ultrapassagem do sujeito e ainda um questionamento, o que o sujeito transcende, ultrapassa? Essa expressão abre várias possibilidades de pensar, como por exemplo a expressão comumente usada por profissionais esportivos quando se referem aos sujeitos que alcançaram êxito em determinada atividade, ou ainda que foram além do que do próprio limite físico, que o corpo conseguia suportar enquanto atividade.

Há ainda outra concepção que é importante demarcar, a transcendência enquanto sinônimo de vida e morte. Essa concepção está referenciada a busca constante do sujeito de uma continuidade, a possibilidade de continuar existência mesmo após a morte, tal qual a imortalidade. Trata-se da conexão do sujeito com o divino, com o externo ao sujeito, amplamente tratada por algumas religiões, iremos abordar essa questão em outro momento no texto.

Retomemos a concepção inicial referente ao limite do corpo, limite físico e anatômico. Há algo nele, no corpo do sujeito, que é imposto pela biologia e com o qual ele se depara. Esse limite age como um impedimento ao sujeito de ir além, podemos pensar que seria algo da ordem do

impossível ao sujeito. Desta forma, retomando a frase de Freud em “A dissolução do complexo de Édipo” (1924), apresentamos ela como um questionamento, “a anatomia é o destino”? vale a pena destacar que ela é citada apenas uma única vez por Freud.

A frase freudiana tomada de modo isolado parece indicar uma posição que traz a anatomia como um caminho único estanque e intransponível. Tal caminho consideraria que o sujeito estaria fadado ao seu corpo, tal como ele está posto, seja por meio de características físicas e anatômicas, como também com relação ao seu sexo e gênero, homem ou mulher. Há ainda os que criticam a frase de freudiana, tratando-a como um discurso contrário as construções identitárias, especialmente a transexualidade e transgêneros, e contrária ao conceito de gênero que é amplamente debatido pelas ciências humanas e sociais, cunhado no movimento feminista.

O gênero pode ser entendido como uma construção cultural e social, ele geralmente costuma ser relacionado ao sexo atribuído ao nascimento e designa papéis, comportamentos, atividades, características e os modos do sujeito se localizar no mundo, seja como menino ou como menina. Ao debater a respeito desses papéis é importante considerar o âmbito social ao qual o sujeito pertence, os quais podem variar de cultura para cultura. “Gênero é da ordem do simbólico e imaginário, da ordem do sentido que a cultura atribui ao que considera masculino e feminino” (JORGE e TRAVASSO, 2018, p. 43).

Retomando a frase de Freud “anatomia como destino”, em uma primeira interpretação podemos considerar que o sujeito estaria fadado ao seu biológico, não haveria uma escolha relacionada ao gênero, lhe é imposto ser homem ou mulher. Entretanto é necessário ir além, fazer uma outra interpretação de tal frase, apesar dela portar em si a ideia de que a anatomia é decisiva, ela não é essencial, natural, importante considerar que para a criança, ela só intervém em um segundo tempo, a partir do olhar do Outro.

Lacan no Seminário Livro 10 “A Angustia”, faz uma reflexão a respeito de tal questão, ele busca na etimologia da palavra “ana-tomia” o seu sentido e função. “Ana-tomia” refere-se há Ana = em partes e Tomia = corte, cortar em partes, destacando a função de corte, “o destino, isto é, a relação do homem e com essa função chamada desejo, só adquire toda a sua animação na medida em que é concebível o despedaçamento do próprio corpo, esse corte que é o lugar dos momentos de eleição do seu funcionamento” (LACAN, 1962-63/2005, p. 259). É através do corte, do despedaçamento que advém o estatuto de corpo, corpo de desejo. Soler (2005) destaca que o sujeito se identifica pouco a sua anatomia, que está muito mais referenciada ao registro civil “não comanda

o desejo nem a pulsão” (p. 136).

No âmbito do sujeito podemos destacar que há uma ultrapassagem do anatômico, macho e fêmea, há um ir além na relação do sujeito com seu corpo, o que possibilita avançar e inverter a frase freudiana, a anatomia não é o destino. O sujeito não é seu corpo, enquanto representante único, estanque e cristalizado, impossibilitando aberturas, contornos ou deslizamentos, ele tem um corpo e só tem um (LACAN, 1975/2003. p.565).

Uma nova questão se abre, de que corpo estamos falando? A introdução da noção de sujeito apresentada por Lacan trouxe novos parâmetros de discussão sobre a questão do corpo na psicanálise, algumas posições diferentes das apresentadas por Freud. Através do seu contato com o Outro o sujeito vai se constituir, sendo representado por um significante, seu corpo é atravessado pela pulsão, corpo sexualizado, a sexuação se faz em três registros, real imaginário e simbólico. A compreensão do corpo no nível do real está referenciada a questão do que é da ordem do orgânico, do biológico, é o que escapa à linguagem, o que não foi simbolizado. O corpo real passa a existir quando é falado, conforme afirma Lacan (1955-56/1985) do real só temos notícia por intermédio do simbólico. O corpo do simbólico é investido, atravessado, furado pelo significante que vem do Outro, que toca o organismo e o desnuda, o transforma, forma além. Pela via da linguagem os significantes são inseridos e fazem marcas no sujeito, rompendo a barreira do orgânico, é a linguagem que, ao atravessar a carne, concede ao sujeito um corpo. O corpo do simbólico é aquele conferido pela linguagem, sem a qual o sujeito não existiria (LACAN, 1973/2003). O corpo no nível imaginário é convocado no estádio do espelho, um corpo, uma imagem unificada, uma totalidade imaginária como lembra Soler (2019). Ele é construído a partir do olhar do outro, que molda e recobre, fazendo borda a ele.

A amarração presente no nó borromeano, o entrelaçamento entre os três registros referencia-se também ao entrelaçamento no corpo, do corpo entrelaçado. Um corpo imaginário que está relacionado a consistência de uma forma, construção de uma imagem, um corpo simbólico, atravessado pela linguagem, que é desnudado por ela, e um corpo real, orgânico, biológico. Na topologia borromeana há algo que se localiza no meio do nó, na hiância, que escapa a esses três registros, a esse objeto Lacan deu o nome de objeto *a*.

Em *A Terceira* Lacan vai apresentar a relação dos três registros e o objeto *a*. Nesse texto ele traz a conceituação do objeto *a* como o sem sentido, o que se apreende do nó, na junção do real, simbólico e imaginário, e que é oferecido como causa de desejo. Durante seu ensino Lacan vai

desenvolvendo o conceito de objeto *a*, como no seminário “A Angústia”, no qual ele dá especial atenção ao conceito. Podemos encontrar nesse seminário o objeto *a* referenciado a função do resto, sendo o que resta da relação do sujeito com o Outro, “é a partir do Outro que o *a* assume seu isolamento, e é na relação do sujeito com o Outro que ele se constitui como resto” (LACAN, 1962-63/2005, p. 128). A função de resto é o que presentifica a falta e o gozo.

Retomando o corpo em sua referência real simbólica e imaginária, o objeto *a* é o que escapa a essa operação. O objeto *a* participa do enodamento realizado nos três registros, mas não é apreendido por eles, ele escapa, ele faz furo. É no furo do nó, nesse ponto cego que há algo que resvala, que não é alcançável, o objeto *a*, objeto perdido, que o sujeito vai buscar e se vincular ao mundo exterior, é o representante da falta estruturante, já que se trata de algo que esteve presente, mas que permanece desde sempre faltoso na economia psíquica.

Tal questão nos possibilita pensar que o corpo é o que existe em torno do objeto *a*, o sujeito contorna o objeto, uma vez que ele é inapreensível. Entretanto ele, sujeito, busca contornar, subverter a falta, o qual ele só alcança pela via da fantasia, para tal realiza procedimentos e “ajustes” no corpo, visando preencher o vazio. O corpo humano é em si imperfeito, ele porta uma falta, uma “falha”. A imperfeição é refletida na fala dos sujeitos, “esse nariz é horrível, sou gordo, tenho pouco cabelo, minhas mamas são pequenas”, dentre outras.

Vale demarcar um ponto importante, o sujeito não visa necessariamente o encontro com o resto, com o objeto *a*, ele busca em seus movimentos e “procedimentos” - utilizando um termo amplamente difundido e referenciado aos procedimentos estéticos – tamponar esse furo, extirpar ou excluir esse impossível de simbolizar.

Para tamponar esse impossível, essa falha, o sujeito veste, reveste e modifica seu corpo, “na busca do corpo ideal”, promessa apresentada por algumas clínicas de cirurgia plástica que vão de encontro a fantasia e a busca do sujeito de um corpo ideal. Para isso as pessoas passam por procedimentos dos mais variados e muitas vezes invasivos, fraturando ossos, retirando costelas, recortando a pele, injetando produtos e em alguns casos, retirada de membros. O corpo assume um status de manipulável e moldável, sendo utilizado como instrumento de recobrimento do objeto, pois a medida que tal procedimento não é realizado, para o sujeito, há possibilidade do encontro desse com a falta, o resto, e retomando o postulado por Lacan, o encontro com o resto é a angústia.

A angústia aparece no momento em que o sujeito se pergunta qual a imagem de si que verá no espelho, correndo o risco de ver nesse momento a falta, o vazio, o que não foi nomeado, a

imagem de um corpo que ele pode não reconhecer, o objeto *a*, que insiste em retornar. Isso que faz irrupção, que torna impossível ao sujeito todo o reconhecimento recíproco.

Retomando a palavra *transcender*, trabalhada no início do trabalho, em sua concepção vinculada ao divino, a continuidade da vida, nos possibilita pensar na busca do sujeito em burlar a falta, a finitude, que lhe gera angústia. Se a angústia é esse encontro do sujeito com o objeto *a*, e o reconhecimento que o sujeito é não todo, o encontro desse com a finitude, com a impossibilidade de uma permanência ou completude, nos possibilita pensar que a constatação do sujeito com sua falta, com a finitude, realiza no sujeito um movimento de busca de perpetuação e transcendência, buscando no divino algo que venha dar sentido a ela.

Outro ponto referente ao título do trabalho, é a separação da palavra “*trans-cende*”. Ela foi feita com o intuito de destacar o prefixo da palavra – *trans-* fazendo referência as pessoas *trans* (transexuais e transgêneros), que tem sido foco atual do trabalho e estudo do autor. Compreendemos o conceito de transexualidade referenciado a pessoas que evidenciam a discordância entre a identidade de gênero e o sexo biológico. No Brasil há um outro termo, a *travesti*, que também se refere as pessoas cuja identidade de gênero está em discordância ao sexo biológico, entretanto nesse texto utilizaremos o termo *trans* para se referir a *travestis*, transexuais e transgêneros.

Conforme tratado anteriormente, o sujeito em seu contato com o objeto *a* realiza o movimento de contorna-lo, para isso utiliza de seu próprio corpo como forma de recobrimento. As vivências e a posição do sujeito *trans* nos abrem um questionamento, seria da mesma ordem que a referenciada anteriormente? Estamos falando de situações similares? Ao refletir sobre o assunto uma resposta possível é, sim e não.

Sim, as questões apresentadas pelos sujeitos no que se refere ao corpo, a identificação do sujeito ao seu corpo e sua relação com o objeto *a*, são da mesma ordem, como ele trata tais questões. Entretanto é possível pensar que o sujeito *trans* vai além, há questões outras envolvidas referentes a sua própria localização no discurso social, e o reconhecimento de si em um corpo diferente do gênero ao qual se identifica. Se é pela via do corpo que o sujeito se localiza no discurso, é possível pensar que o sujeito *trans* subverte o discurso social e biológico se localizando em um gênero diferente.

O que o sujeito *trans* faz é potencializar ou escancarar uma falta instituída, sempre haverá algo que falta, e que ela ou ele, é não-todo. O sujeito, em inconformidade com seu corpo toma

hormônios, realiza procedimentos cirúrgicos e busca adequar seu corpo de acordo com o gênero que se identifica. A mudança de corpo é no intuito de escamotear a falta ou de corrigir um erro?

A escuta do sujeito trans possibilita verificar que em muitos casos, os sujeitos buscam a sua volta objetos que venham contornar a falta, no intuito de aproximar da imagem de mulher ou homem que tem como ideal. Entretanto um fator chama atenção, a marca no corpo. Apensar dos procedimentos realizados há uma marca na carne a qual o sujeito não consegue escamotear, há uma impossibilidade da completude do ser em relação ao ideal do gênero. Um exemplo é a mastectomia realizada pelos homens trans, há uma marca, uma cicatriz no peito que indica a retirada da mama. Alguns homens preferem não fazer cirurgias para suavizar essa marca, a cicatriz. No caso das mulheres trans, muitas não realizaram a cirurgia de redesignação sexual e ainda, não é possível gerar um filho. Tanto no caso dos homens quanto das mulheres, tais impossibilidades tomam um outro significado, são ressignificados, é possível supor que há uma “compreensão” da falta, reconhecimento dela, e dado um outro lugar, outros contornos ao objeto para sempre perdido.

Por fim podemos pensar que o sujeito trans escancara o que o outro deixa atrás do vel, o caminho igual a todos os sujeitos, o encontro com a falta. O que nos faz refletir e levantar uma última questão, seria esse um dos principais motivadores da repulsa e hostilidade direcionada aos sujeitos trans? A referência ou representação da falta, incompletude, o objeto *a*.

Referências

- FREUD, S. *A dissolução do complexo de Édipo*. Rio de Janeiro: Imago, 1924/1996.
- JORGE, M. A. C. TRAVASSOS, N. P. *Transsexualidade: O corpo entre o sujeito e a ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2018.
- LACAN, J. *A Terceira*, Roma: 1974. Tradução, Analucia Teixeira Ribeiro. Escola Letra Freudiana.
- LACAN, J. *Joyce, o Sinthoma*. In: LACAN, J. Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975/2003.
- LACAN, J. *O aturdido*, in: LACAN, J. Outros escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1973/2003.
- LACAN, J. *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1955-56/1985.
- LACAN, J. *O Seminário Livro 10: A Angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1962-63/2005.

SOLER, C. *O em-corpo do sujeito: seminário 2001-2002*. Salvador: Ágalma, 2019

SOLER, C. *O que Lacan Dizia das Mulheres*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

¿Qué trasciende? los contornos del sujeto alrededor del objeto "a"

Fernando Roberto Ruthes

Associação Psicanalítica de Curitiba.

Abstract

Qué trasciende al sujeto frente al objeto a es una de las preguntas que se propone hacer el presente texto. Tomando inicialmente el concepto de trascender, se realiza el diálogo de trascendencia y surge el cuerpo del sujeto desde la perspectiva de los tres registros Real, Simbólico, Imaginario y su relación con el objeto a, representante de la carencia en el sujeto, causa del deseo. . El sujeto utiliza su cuerpo como una forma de amortiguar la carencia, el resto, para eso realiza procedimientos buscando objetos sustitutos en el mundo. Discutimos en el texto el sujeto trans, su relación con el objeto a, planteando una pregunta sobre lo que revela el sujeto trans.

¿Qué trasciende en el sujeto? Este cuestionamiento fue lo que instigó al autor provocando la redacción de este texto. Para discutir este tema, comenzaremos explorando el concepto de la palabra trascender, que hace referencia al concepto de superar, elevar, traspasar los límites. Comprender el concepto de trascender y relacionarlo con el sujeto nos permite hacer algunas articulaciones sobre la superación del sujeto e incluso un cuestionamiento, ¿qué trasciende el sujeto, supera? Esta expresión abre varias posibilidades de pensamiento, como la expresión comúnmente utilizada por los profesionales del deporte para referirse a sujetos que han alcanzado el éxito en una determinada actividad, o que han superado los propios límites físicos que el cuerpo podría soportar como actividad.

Hay todavía otra concepción que es importante demarcar, la trascendencia como sinónimo de vida y muerte. Esta concepción se refiere a la búsqueda constante del sujeto por la continuidad, la posibilidad de continuar la existencia incluso después de la muerte, como la inmortalidad. Es la conexión del sujeto con lo divino, con lo externo al sujeto, ampliamente tratado por algunas religiones, este tema lo abordaremos en otro momento del texto.

Volvamos a la concepción inicial referente al límite del cuerpo, límite físico y anatómico. Hay algo en él, en el cuerpo del sujeto, que le impone la biología ya lo que se enfrenta. Este límite actúa como un impedimento para que el sujeto vaya más allá, podemos pensar que sería algo del orden de lo imposible para el sujeto. Así, retomando la frase de Freud en “La disolución del complejo de Edipo” (1924), la presentamos como un cuestionamiento, “¿es la anatomía destino”? Vale la pena señalar que Freud lo menciona solo una vez.

La frase freudiana tomada aisladamente parece indicar una posición que trae a la anatomía como un camino único, estanco e infranqueable. Tal camino consideraría que el sujeto estaría abocado a su cuerpo, tal como está colocado, ya sea por sus características físicas y anatómicas, así como en relación a su sexo y género, masculino o femenino. Todavía hay quienes critican la frase freudiana, tratándola como un discurso contrario a las construcciones identitarias, especialmente la transexualidad y las personas transgénero, y contrario al concepto de género ampliamente debatido por las ciencias humanas y sociales, acuñado en el movimiento feminista.

El género puede entenderse como una construcción cultural y social, suele relacionarse con el sexo asignado al nacer y designa roles, comportamientos, actividades, características y formas del sujeto de ubicarse en el mundo, sea niño o niña. Al debatir sobre estos roles, es importante considerar la esfera social a la que pertenece el sujeto, que puede variar de una cultura a otra. “El género es del orden simbólico e imaginario, del significado que la cultura atribuye a lo que considera masculino y femenino” (JORGE y TRAVASSO, 2018, p. 43).

Volviendo a la frase de Freud “anatomía como destino”, en una primera interpretación podemos considerar que el sujeto estaría abocado a su biológico, no existiría una elección relacionada con el género, está obligado a ser hombre o mujer. Sin embargo, es necesario ir más allá, hacer otra interpretación de esta frase, aunque lleva la idea de que la anatomía es decisiva, no es esencial, natural, importante considerar que para el niño, solo interviene en una segunda etapa, desde la mirada del Otro.

Lacan en el Libro 10 del Seminario “Angustia”, hace una reflexión sobre esta cuestión, busca en la etimología de la palabra “anatomía” su significado y función. “Anatomía” se refiere allí Ana = en partes y Tomía = cortar, cortar en partes, destacando la función de cortar, “destino, o sea, la relación del hombre y con esta función llamada deseo, sólo adquiere toda su animación a la en que es concebible desmenuzar el propio cuerpo, ese corte que es el lugar de los momentos escogidos de su funcionamiento” (LACAN, 1962-63/2005, p. 259). Es a través del corte, del

desmoronamiento que se produce el estatuto del cuerpo, cuerpo del deseo. Soler (2005) destaca que los sujetos se identifican poco con su anatomía, mucho más referenciada al registro civil “no manda deseo ni pulsión” (p. 136).

En cuanto al sujeto, podemos destacar que hay una superación de lo anatómico, masculino y femenino, hay un trascender en la relación del sujeto con su cuerpo, lo que permite avanzar e invertir la frase freudiana, la anatomía no es destino. El sujeto no es su cuerpo, como único representante, sellado y cristalizado, imposibilitando aperturas, contornos o deslizamientos, tiene un cuerpo y sólo tiene uno (LACAN, 1975/2003. p.565).

Se abre una nueva pregunta, ¿de qué cuerpo estamos hablando? La introducción de la noción de sujeto presentada por Lacan trajo nuevos parámetros de discusión sobre la cuestión del cuerpo en psicoanálisis, algunas posiciones diferentes a las presentadas por Freud. A través de su contacto con el Otro, el sujeto se constituirá siendo representado por un significante, su cuerpo es atravesado por la pulsión, cuerpo sexualizado, la sexuación se realiza en tres registros, real, imaginario y simbólico. La comprensión del cuerpo a nivel de lo real se remite a la cuestión de qué es orgánico, biológico, qué escapa al lenguaje, qué no ha sido simbolizado. El cuerpo real surge cuando se habla, como afirma Lacan (1955-56/1985) de lo real sólo tenemos noticias a través de lo simbólico. El cuerpo de lo simbólico es investido, atravesado, atravesado por el significante que viene del Otro, que toca el organismo y lo desnuda, lo transforma, lo forma más allá. A través del lenguaje, los significantes se insertan y marcan al sujeto, rompiendo la barrera de lo orgánico, es el lenguaje que, al atravesar la carne, le otorga un cuerpo al sujeto. El cuerpo de lo simbólico es el que le confiere el lenguaje, sin el cual el sujeto no existiría (LACAN, 1973/2003). El cuerpo a nivel imaginario es convocado en el escenario del espejo, un cuerpo, una imagen unificada, una totalidad imaginaria como nos recuerda Soler (2019). Se construye a partir de la mirada del otro, que lo moldea y lo recubre, haciéndole un borde.

El atar presente en el nudo borromeo, el entrelazamiento entre los tres registros remite también al entrelazamiento en el cuerpo, del cuerpo entrelazado. Un cuerpo imaginario que se relaciona con la consistencia de una forma, la construcción de una imagen, un cuerpo simbólico, atravesado por el lenguaje, que es desnudado por él, y un cuerpo real que lo era ante nosotros, orgánico, biológico. En la topología borromeana hay algo que se ubica en medio del nodo, en el hueco, que escapa a estos tres registros, a este objeto Lacan le dio el nombre de objeto a.

En La Tercera Lacan presentará la relación de los tres registros y el objeto a. En este texto trae la conceptualización del objeto a como sinsentido, lo que se aprehende desde el nudo, en la unión de lo real, lo simbólico y lo imaginario, y que se ofrece como causa del deseo. Durante su docencia, Lacan desarrolla el concepto de objeto a, como en el seminario X “La angustia”, en el que presta especial atención al concepto. Podemos encontrar en este seminario el objeto a referenciado a la función del resto, con lo que queda de la relación del sujeto con el Otro, “es del Otro que el a asume su aislamiento, y es en la relación del sujeto con el Otro que se constituye a sí mismo “como resto” (LACAN, 1962-63/2005, p. 128). La función de resto es lo que hace presente la carencia y el goce.

Retomando el cuerpo en su referencia simbólica e imaginaria real, el objeto a es lo que escapa a esta operación. El objeto a participa en el anudamiento que se realiza en los tres registros, pero no es aprehendido por ellos, se escapa, hace un agujero. Es en el agujero del nudo, en ese punto ciego, que hay algo que se desliza, que no es alcanzable, el objeto a, objeto perdido, que el sujeto va a buscar y enlazar con el mundo exterior, es el representante de la falta estructurante, pues se trata de algo que estuvo presente, pero que siempre ha faltado en la economía psíquica.

Esta pregunta nos permite pensar que el cuerpo es lo que existe alrededor del objeto a, el sujeto gira alrededor del objeto, ya que es inaprehensible. Sin embargo, él, el sujeto, busca sortear, subvertir la carencia, lo que sólo logra a través de la fantasía, para ello realiza procedimientos y “ajustes” en el cuerpo, con el objetivo de llenar el vacío. El cuerpo humano es imperfecto en sí mismo, lleva una falla, un “defecto”. La imperfección se refleja en el discurso de los sujetos, “esa nariz es horrible, soy gorda, tengo poco pelo, mis pechos son pequeños”, entre otros. Vale la pena señalar un punto importante, el sujeto no necesariamente apunta al encuentro con el resto, con el objeto a, busca en sus movimientos y “procedimientos” -utilizando un término ampliamente difundido y referido a los procedimientos estéticos- para tapar este agujerear, extirpar o excluir aquello imposible de simbolizar.

Para cubrir ese imposible, ese fracaso, el sujeto viste, viste y modifica su cuerpo, “en la búsqueda del cuerpo ideal”, promesa presentada por algunas clínicas de cirugía plástica que atienden la fantasía y la búsqueda del sujeto por un cuerpo ideal. Para ello, las personas pasan por los más variados y muchas veces invasivos procedimientos, fracturando huesos, extirpando costillas, cortando la piel, inyectando productos y en algunos casos, amputando extremidades. El cuerpo asume un estatus manipulable y moldeable, siendo utilizado como instrumento para recubrir

el objeto, pues como este procedimiento no se realiza, para el sujeto existe la posibilidad de encontrar esta con la falta, el resto, y retomar el postulado. de Lacan, el encuentro con el resto es angustia.

La angustia aparece en el momento en que el sujeto se pregunta qué imagen de sí mismo verá en el espejo, corriendo el riesgo de ver en ese momento la falta, el vacío, lo que no ha sido nombrado, la imagen de un cuerpo que no puede. reconocer. , el objeto a, que insiste en volver. Esto es lo que produce una irrupción, lo que hace imposible para el sujeto todo reconocimiento recíproco.

Retomando la palabra trascender, utilizada al inicio de la obra, en su concepción ligada a lo divino, la continuidad de la vida, nos permite pensar en la búsqueda del sujeto por sortear la falta, la finitud, que genera angustia. Si la angustia es este encuentro del sujeto con el objeto a, y el reconocimiento de que el sujeto no es el todo, el encuentro de este sujeto con la finitud, con la imposibilidad de una permanencia o totalidad, nos permite pensar que la realización de el sujeto con su falta, con la finitud, realiza en el sujeto un movimiento de búsqueda de perpetuación y trascendencia, buscando en lo divino algo que le dé sentido.

Otro punto respecto al título de la obra es la separación de la palabra “trasciende”. Fue realizado con la intención de resaltar el prefijo de la palabra – trans- referido a las personas trans (transexuales y transgénero), que ha sido el foco actual de trabajo y estudio de la autora. Entendemos el concepto de transexualidad como referida a las personas que manifiestan una discordancia entre su identidad de género y su sexo biológico. En Brasil existe otro término, travesti, que también se refiere a personas cuya identidad de género está en desacuerdo con su sexo biológico, sin embargo en este texto usaremos el término trans para referirnos a travestis, transexuales y transgéneros.

Como se ha comentado anteriormente, el sujeto en su contacto con el objeto a realiza el movimiento de rodearlo, para ello utiliza su propio cuerpo como forma de cobertura. Las vivencias y la posición del sujeto trans nos abren una pregunta, ¿sería del mismo orden que el mencionado anteriormente? ¿Estamos hablando de situaciones similares? Al reflexionar sobre el asunto, una posible respuesta es sí y no.

Sí, las preguntas que plantean los sujetos sobre el cuerpo, la identificación del sujeto con su cuerpo y su relación con el objeto a, son del mismo orden, en cuanto trata tales cuestiones. Sin embargo, es posible pensar que el sujeto trans va más allá, hay otras cuestiones involucradas en

cuanto a su propia ubicación en el discurso social, y el reconocimiento de sí mismo en un cuerpo diferente al género con el que se identifica. Si es a través del cuerpo que el sujeto se ubica en el discurso, es posible pensar que el sujeto trans subvierte el discurso social y biológico al ubicarse en un género diferente.

Lo que hace el sujeto trans es potenciar o abrir de par en par una carencia instituida, siempre habrá algo que falta, y que ella o él no es-todo. El sujeto, en desacuerdo con su cuerpo, toma hormonas, realiza procedimientos quirúrgicos y busca adaptar su cuerpo de acuerdo al género que identifica. ¿El cambio de carrocería es para disimular la falta o para corregir un error?

Escuchar al sujeto trans permite comprobar que en muchos casos, los sujetos buscan a su alrededor objetos que vengan a sortear la carencia, para acercarse a la imagen de mujer u hombre que tienen como ideal. Sin embargo, llama la atención un factor, la marca en el cuerpo. A pesar de los procedimientos realizados, hay una marca en la carne que el sujeto no puede ocultar, hay una imposibilidad de ser completo en relación con el ideal del género. Un ejemplo es la mastectomía que realizan los hombres trans, hay una marca, una cicatriz en el pecho que indica la extirpación del seno. Algunos hombres prefieren no operarse para suavizar esta marca, la cicatriz. En el caso de las mujeres trans, muchas no se han sometido a una cirugía de reasignación de sexo y aún así, no es posible tener un hijo. Tanto en el caso de los hombres como de las mujeres, tales imposibilidades toman otro sentido, se resignifican, es posible suponer que hay una “comprensión” de la falta, un reconocimiento de ella, y se le da otro lugar, otros contornos a el objeto perdido para siempre.

Finalmente, podemos pensar que el sujeto trans abre lo que el otro deja atrás, el vel, el camino igual a todos los sujetos, el encuentro con la falta. Lo que nos hace reflexionar y plantear una pregunta final, ¿sería este uno de los principales motivadores de repulsión y hostilidad hacia los sujetos trans? La referencia o representación de la falta, incompletitud, el objeto a.

Referencias

- FREUD, S. *La disolución del complejo de Edipo*. Río de Janeiro: Imago, 1924/1996.
- JORGE, M. A. C. TRAVASSOS, N. P. *Transexualidad: El cuerpo entre el sujeto y la ciencia*. Río de Janeiro: Jorge Zahar, 2018.
- LACAN, J. *El seminario, libro 3: las psicosis*. Río de Janeiro: Jorge Zahar, 1955-56/1985.
- LACAN, J. *El Seminario Libro 10: Angustia*. Río de Janeiro: Zahar, 1962-63/2005.

LACAN, J. *Joyce, el Sinthome*. En: LACAN, J. Otros escritos. Río de Janeiro: Jorge Zahar, 1975/2003.

LACAN, J. *Los desconcertados*, en: LACAN, J. Otros escritos. Río de Janeiro: Zahar, 1973/2003.

LACAN, J. *La Tercera*, Roma: 1974. Traducción, Analucia Teixeira Ribeiro. Escuela de Letras freudiana.

SOLER, C. *El en-cuerpo de la asignatura: seminario 2001-2002*. Salvador: Ágalma, 2019

SOLER, C. *Lo que Lacan dijo sobre las mujeres*. Río de Janeiro: Zahar, 2005.